

FAHRENHEIT 451 / 1966

(*Grau de Destruição*)

um filme de François Truffaut

Realização: François Truffaut / **Argumento:** François Truffaut e Jean-Louis Richard, baseado no romance homónimo de Ray Bradbury / **Diálogos adicionais:** David Rudkin, Helen Scott / **Fotografia:** Nicholas Roeg / **Direcção Artística:** Syd Cain e Tony Walton / **Efeitos Especiais:** Charles Staffel / **Música:** Bernard Herrmann / **Montagem:** Thom Noble / **Interpretação** Oskar Werner (Montag), Julie Christie (Linda Montag e Clarisse), Cyril Cusack (o Capitão), Anton Diffring (Fabian), Anne Bell (Doris), Caroline Hunt (Helen), Bee Duffel (a mulher-livro), Gillian Lewis (a locutora), Roma Milne (a vizinha), Anna Ralk (Jackie), Chris Williams (Black), etc.

Produção: Lewis M. Allen e Michael Delamar para a Anglo-Enterprise, Vineyard Films e Rank / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 112 minutos / **Estreia Mundial:** Veneza, a 9 de Setembro de 1966 / **Estreia em Portugal:** Cinema Estúdio 444, a 29 de Dezembro de 1967.

Fahrenheit 451, um dos filmes de Truffaut de que mais gosto, é um filme perturbantemente premonitório.

Não, ainda não se proíbe ninguém de ler. Não, ainda não se queimam livros. Mas não serão quase tão minoritários como neste filme aqueles que têm o amor pelos livros que os "resistentes" deste filme têm? E não serão igualmente minoritários aqueles que são capazes de amar o cinema com tão inocente e deslumbrado olhar? Ou os que são capazes de os citar, livros e filmes, como Truffaut os citou? Citar livros (os tais livros da vida de Truffaut e lá estão todos ou quase todos) mas também citar Hitchcock (a cantilena da escola, a casa do **Psico** trancada), Nicholas Ray (o candeeiro do **Johnny Guitar**) Dreyer (a **Joana d'Arc**), Murnau (a passagem da ponte). Num sentido, pelo menos, é este filme bem premonitório: a televisão a invadir o cinema, a cassete a tomar o lugar do livro. Ao prazer da imagem e ao prazer da leitura sucedeu-se (está a suceder) o consumo da imagem e o consumo do discurso. Menos do que todos este é o filme "da indústria dos conteúdos" (expressão tão horrorosa que nem Truffaut a pressentiu). Livros e cinema são, aqui, puras formas. Questão de vocábulos? Isso mesmo. E os que vão morrer, não te saúdam.

Do prazer falei e falou Truffaut. A propósito deste filme, referindo-se ao prazer que teve em filmar o fogo. E **Fahrenheit 451**, que deu origem a muitas interpretações contraditórias e dividiu a crítica, parece-me ser, antes de mais, um filme sobre o prazer e sobre o fogo. Melhor dito: sobre a proibição do prazer e sobre o fogo como elemento de criação e elemento de destruição.

O prazer – Nesta obra, cuja acção decorre num futuro imaginário e imaginado, os personagens vivem submetidos a uma ordem que pretende não só a eliminação de toda a dor como de todo o prazer. Se os livros são proibidos é só porque fazem as pessoas infelizes: mas a felicidade e o prazer permitidos são apenas os que são proporcionados pelos comprimidos e pelos jogos de televisão. É um mundo donde toda a paixão foi banida e onde até a morte, ou a tentativa de morte (pense-se na sequência do "suicídio" de Linda) é tratada como obra dum acaso que facilmente se remedeia e não tem antes nem depois. O único prazer que os personagens podem encontrar é um prazer solitário: a leitura clandestina em bibliotecas cuidadosamente ocultas e as carícias que a si próprios se fazem.

Justamente é esse prazer solitário que é reprimido pelos bombeiros: estes não só queimam os livros como intervêm pela força junto dos que se entregam a demonstrações do seu auto-erotismo.

Ora o prazer nasce da proibição: se os livros são tão cobiçados não é só por sede de cultura (nenhum personagem fala de tal motivação) mas por sede de transgressão e de transgressão oculta. Esse desejo acha-se exemplarmente mostrado na relação estabelecida entre o primeiro encontro Clarisse-Montag e a primeira leitura deste.

Montag encontra Clarisse no metro aéreo (a oposição ar-fogo já podia dar para muita conversa). Essa mulher que tão fundamente o perturba (corpo de Linda sob outra aparência) rompe os tabus da incomunicabilidade e pergunta-lhe se ele é feliz e se nunca lê os livros que queima. Questões que envolvem outras tantas proibições, que são outras tantas perguntas sobre o desejo, e não mais largam Montag. Elas determinam a sua primeira leitura clandestina, a do *David Copperfield*.

De noite, Montag levanta-se e, às escondidas, agarra no livro de Dickens. O modo como é tratada, na banda da imagem e na banda sonora, essa leitura é exemplar: vários e demorados grandes planos do texto (o frontispício e as coisas que normalmente se não lêem) e uma voz que soletra as palavras até se deter no advérbio "simultaneously" que é repetido. Espectador e actor saboreiam, demorada e simultaneamente também, o prazer da oralidade e o prazer da literalidade, prazer que, mais tarde, Montag tentará transmitir à mulher e às amigas, que reagem perante a situação como se de um acto obsceno se tratasse. Na solidão, na noite e no escuro, tendo como única luz (numa óbvia referência ao cinema) a que provém do écran vazio da televisão, prazer e transgressão tomaram conta de Montag.

Voltarão a estar associados em múltiplas sequências (telefonema de Clarisse a fingir de Linda, entrada clandestina de Montag no gabinete do capitão, denúncia do anónimo que tem que ter a certeza de não ser visto, etc.), sempre fazendo intervir o prazer, em função da proibição e do medo.

Mas a associação desejo-transgressão, medo-prazer, só funciona na cidade e até à fuga de Montag. Da terra permissiva dos "homens-livros" está já ausente. Por isso, dela está também ausente o amor. Se Montag reencontra Clarisse, já não a reencontra como mulher. Ambos o souberam quando se despediram na terra dos bombeiros: nunca mais se voltariam a ver. O paraíso dos homens-livros está para o vale de lágrimas de **Fahrenheit** do "outro-lado" do desejo: voltaremos a encontrar-nos, mas nunca mais como nesta terra, lugar dos nossos medos e das nossas delícias.

O fogo - Nos **400 Coups**, Antoine Doinel pegava fogo ao retrato de Balzac, depois de copiar um texto deste em que se fala do "espírito do fogo"; no **Tirez Sur le Pianiste**, o fogo (da lareira dos irmãos) presidia à imolação e transfiguração finais; no **Jules et Jim**, a morte de Catherine e Jim ocorria no dia em que os protagonistas viram no cinema um documentário sobre as fogueiras de livros nazis e os corpos dos amantes eram devorados pelas chamas; na **Peau Douce**, a relação clandestina de Pierre e Nicole prosseguia devido à caixa de fósforos que a segunda dava ao primeiro e onde escrevia o seu número de telefone.

Se a referência ao fogo é uma constante na obra de Truffaut (reencontrá-la-emos até ao fim da vida e da obra) nunca, como em **Fahrenheit**, foi de tal modo explicitada e em tão estreita conexão como o tema do prazer e da culpa. Quem "dantes" apagava fogos, ateia-os agora para queimar os livros proibidos. Na fogueira morre, com os seus livros, a velha que detinha a maior biblioteca clandestina, mas morre também o "incendiário-mor", Cyril Cusack.

Na parábola fortemente auto-punitiva e memorialista que **Fahrenheit** é, o fogo age simultaneamente como sarça ardente, chama do inferno e castigo dos deuses. Sarça ardente na sequência da morte da velha em que esta cita expressamente um autor do século XVI para garantir que aquele dia será o de uma luz que jamais se apagará: morrendo nas chamas será, para sempre, uma luz perpétua, vitória do sonho sobre a realidade (antes saboreámos a lenta consumição do *Livro dos Sonhos* de Dali e depois veremos a velha, no sonho de Montag, transformar-se em Clarisse). Nas chamas do inferno morre o capitão, "assado" por Montag, anjo exterminador. Castigo dos deuses, o fogo propaga-se a todos os sinais do pecado devorando os livros-frutos-proibidos.

E o fogo é, ainda, a suprema beleza de que fala o capitão antes de morrer por ele. "*Donde vem a beleza do fogo, Montag? Donde vem o seu fascínio?*".

A interrogação sobre essa origem é semelhante à interrogação sobre a origem do desejo culpado e semelhante à interrogação sobre o céu e o inferno, o bem e o mal. Mais do que parábola culturalista, **Fahrenheit** é uma espiral construída sobre a estrutura do conto infantil e concitando idênticos fantasmas de medo e desejo.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico